

GOBO, Giampietro, *Doing Ethnography*, Thousand Oaks, CA, Sage, 2008, 376pp.

Lorenzo Frangi
Università degli Studi di Milano

Não se pode produzir conhecimento científico se antes não se souber como produzir tal conhecimento. O desenvolvimento das Ciências Sociais é marcado por uma disputa interna acerca da metodologia mais adequada para o estudo dos fenômenos sociais e, sobretudo, da validade dos resultados obtidos com a utilização de diferentes métodos e técnicas de pesquisa. Em particular, os defensores das abordagens marcadamente quantitativas têm refutado os métodos qualitativos de pesquisa baseando-se em argumentos que colocam em suspeita a estrutura e o rigor científico pelo qual o conhecimento é produzido através desses métodos.

Muito embora não seja uma questão nova, trata-se de um debate que não se esgota. Ao contrário, demonstra sua vitalidade e atualidade a cada nova contribuição. Um exemplo é o livro *Doing Ethnography*, do sociólogo italiano Giampietro Gobo, que discorre detalhadamente sobre os aspectos metodológicos que, ao longo de uma história de mais de um século, estruturam a pesquisa etnográfica e se inserem no mais amplo *background* das abordagens qualitativas. A sistemática e ampla análise contemplada neste trabalho contribui para a reavaliação das argumentações contrárias às abordagens qualitativas, demonstrando como a etnografia se estruturou a partir de rigor científico próprio, nada inferior a outras abordagens de pesquisa, alimentada por uma reflexividade específica acerca da relação entre teorias e técnicas e entre estas e as práticas de pesquisa.

A análise dessas relações é explorada pelo autor com base tanto em pesquisas clássicas que marcaram a história da etnografia como por aquelas que representam novas fronteiras de estudos, ressaltando a sólida estrutura que envolve essas pesquisas, o grande aporte que oferecem ao debate metodológico das ciências sociais e o seu potencial desenvolvimento nos contextos contemporâneos.

Com um conteúdo estruturado de forma didática, o livro pode ser considerado um instrumento valioso de orientação para estudantes que estão iniciando suas atividades de pesquisa ou docentes interessados na abordagem e no aprofundamento de aspectos metodológicos nas disciplinas que ministram. Duas características centrais fazem desta obra uma ferramenta útil para esses públicos. Por um lado, reúne de maneira sistemática e bem organizada um material detalhado que explora as potencialidades e os limites do método etnográfico, abordando múltiplos aspectos de exemplos contidos em pesquisas etnográficas de grande reconhecimento no campo das Ciências Sociais e também de casos retirados de estudos sobre a vida cotidiana. Os exemplos se espalham ao longo dos capítulos ou em quadros analíticos específicos. Esse vasto material, por sua vez, estimula a reflexividade analítica do leitor, fornecendo elementos que o auxiliam a pensar com maior propriedade sobre a escolha metodológica, as vantagens e os aspectos alinhados à prática etnográfica, assim como sobre as novas fronteiras abertas no debate acadêmico internacional. Outro aspecto que reforça o didatismo do livro é a retomada ao final de cada capítulo dos principais conceitos trabalhados, com indicação de leituras adicionais sugeridas conforme a característica do leitor – não graduado, graduado ou pesquisador especialista – além de testes de autoavaliação sobre a compreensão do conteúdo abordado.

O livro é composto de quatro partes. A primeira situa a etnografia no panorama dos métodos de pesquisa das Ciências Sociais, discorre sobre os principais momentos de desenvolvimento histórico e da sua

consolidação enquanto um “saber fazer” específico de pesquisa. Além da apresentação das grandes escolas que marcaram o nascer dos estudos etnográficos (como a escola de Chicago, o interacionismo, a *grounded theory*), também abarca os desenvolvimentos mais recentes (“etnografia da recepção” nos estudos das mídias, a “etnografia feminista” e a “etnografia pós-moderna”) e as novas fronteiras do campo (“etnografia global” e a “etnografia institucional”). A primeira parte finaliza destacando a importância do desenho de pesquisa, a atenção adequada e cuidadosa à conceituação do fenômeno a ser estudado, à forma de operacionalização e definição da amostra. O autor igualmente estimula o pesquisador a refletir sobre a identificação e o enfrentamento dos possíveis vieses de pesquisa. Para tal são analisadas as potencialidades e as limitações de diversos tipos de amostras, a participação e o envolvimento de pesquisadores, contribuindo para a conscientização do pesquisador a respeito da precisão de certas escolhas e práticas de pesquisa.

O pensar por variáveis e hipóteses não é descartado, mas, ao contrário, assumido pelo autor como parte inerente a qualquer pensar e fazer científico. Contudo, inserido em uma forma de proceder não padronizada (como o fazem as abordagens quantitativas), mas construída *ad hoc* em relação ao contexto sobre o qual o pesquisador se debruça. Nesse sentido, é interessante destacar a ênfase dada ao desenho da pesquisa etnográfica enquanto um processo em espiral, no qual uma subsequência de conceitos, hipóteses e indicadores encontra refinamento e foco ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

A segunda parte do livro delinea os aspectos mais comuns da fase empírica do estudo etnográfico. Inicialmente discute o acesso ao campo e os problemas éticos implicados, para depois analisar aspectos referentes aos procedimentos de observação – “como” e “o que” observar – reservando particular atenção aos contextos e discursos e às estruturas sociais. Na sequência, descreve as técnicas para descobrir as convenções e os sig-

nificados compartilhados em um âmbito social específico. Novamente o caráter didático do livro sobressai nos capítulos dedicados à entrevista etnográfica, em que detalha características e dinâmicas de entrevista, e às técnicas de organização e estruturação do diário de campo, ponderando sobre as possibilidades de trabalhar com elaborações estatísticas etnográficas, baseadas em uma proposta de contar ao invés de mensurar.

Em sua terceira parte, o trabalho se detém no processo de análise do material empírico, esmiuçando com exemplos o complexo problema de desconstrução, construção e confirmação para “documentar” uma hipótese e formular uma teoria. Um elemento importante desta parte é a discussão sobre a legitimação de um estudo, destacando a imprescindível condição de atenção analítica rumo ao “fazer pesquisa”, o rigor metodológico no proceder etnográfico e a conceituação apropriada – bases importantes para garantir a consistência das generalizações de tipo qualitativo.

Na parte final, *audiences*, o autor trata da comunicação dos resultados e dos problemas relativos à escrita etnográfica, analisando vários estilos e os estímulos reflexivos fornecidos ao pesquisador através do processo de escrita. Nesta seção, Gobo sublinha como a finalização do trabalho de campo também faz parte de um processo, pois deixar o campo não é uma coisa simples. Não se trata de “capturar e escapar”. A própria forma de encerramento do campo deve ser problematizada pelo pesquisador. O último capítulo apresenta perspectivas. Com uma densidade material menor do que as partes anteriores, o capítulo final discute as novas oportunidades de aplicação da observação etnográfica, dos possíveis desdobramentos metodológicos e dos objetos de pesquisa, em uma sociedade que cada vez mais pode ser definida como uma “sociedade da observação”.

O livro tem como mérito apresentar uma reflexão crítica acurada de uma vasta e reconhecida produção etnográfica, constantemente expondo as conexões entre teorias e práticas de pesquisa; entre o “conhecer” e

o “como conhecer”. Ao estruturar toda a discussão na experiência etnográfica, permite ao leitor/pesquisador seguir um eixo norteador claro e consistente, fornecendo instrumentos e sugestões para o enfrentamento adequado e reflexivo dos diversos contextos e fases de uma pesquisa.

Na ampla abordagem proposta por Gobo, um aspecto relacionado ao começo, à condução e à comunicação dos resultados de pesquisa etnográfica está ausente: trata-se do amplo espaço de significados subjacentes à “coragem” do pesquisador. Refere-se às motivações subjetivas do pesquisador envolvidas no processo de pesquisa.

Como poderíamos ter pesquisas fundamentais acerca da marginalidade social se os etnógrafos não tivessem tido a coragem de acessar este tipo de campo? E como poderíamos dispor de etnografias tão ricas e complexas se os pesquisadores não tivessem tido a coragem de persistir na contínua, e às vezes exaustiva, espiral de revisão das relações entre conceitos, hipóteses e interpretações dos fenômenos? E como garantir elementos, além da fundamental rigorosidade metodológica, de legitimação da etnografia como método estruturado sem uma boa dose de coragem para enfrentar as críticas e as desconfianças comumente apontadas por pesquisadores quantitativos? Este é um aspecto que talvez mereça uma atenção analítica mais profunda, como Gobo se mostra capaz de fazer, que ajude a esclarecer quais influências a dimensão da coragem pode ter no “conhecer como” e no “conhecer o que” das etnografias.

A qualidade e a relevância científica no campo das Ciências Sociais do livro *Doing Ethnography* têm sido reconhecidas através da publicação em diversos idiomas, esperando-se que também se tenha a oportunidade para uma tradução em português.

Agradeço a Gláucia Marcondes pela revisão da redação do texto em português.

